



MARGARET CAVENDISH: UM CASO DE AUTORIA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVII.

Paola Povosian Freitas Calle¹, Eduardo Martorano², Silvia Regina Liebel³

¹ Acadêmica do curso de História Licenciatura do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED/UDESC – bolsista PROBIC/UDESC

² Acadêmico do curso de História Licenciatura do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED/UDESC

³ Orientador, Professora do Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED/UDESC – (liebel.seziemiste@gmail.com)

Palavras-chave: autoria, relações de gênero, Idade Moderna.

O presente artigo foi produzido a partir das discussões realizadas por meio do projeto de pesquisa intitulado “Utopias modernas: literatura e construção da ordem (1467-1699)”. O projeto estuda o gênero literário utópico desenvolvido em ínicios da Idade Moderna no recorte de tempo supracitado, estabelecido pelo ano de redação da utopia mais recuada no tempo que analisamos, de Francesco Colonna em 1467, e pela utopia mais recente, publicada por François Fénelon em 1699. Com o objetivo de analisar algumas obras do dito gênero no período, buscamos compreender em que medida elas se relacionam, quais são suas similaridades e diferenças, considerando-as importantes fontes de análise histórica. Assim, entendidas como representações do imaginário moderno, possibilitam a investigação dos modos de pensar desta época e nos ajudam a entender a formação da ordem moderna.

Nosso trabalho tem como ponto de partida a utopia *The Description of a New World, Called The Blazing World*, escrita em 1666 pela autora inglesa Margaret Cavendish, considerada a primeira mulher a escrever um texto do gênero utópico. Ao invés de focar especificamente na fonte citada, procuramos estudar suas condições de publicação, ou seja, o que possibilitou a construção dessa autora do século XVII. Para tanto, uma discussão das relações de gênero foi tema primordial para o desenvolvimento do artigo. As sociedades da Idade Moderna europeia foram notadamente marcadas, entre outros aspectos, por sua característica profundamente patriarcal. A Inglaterra seiscentista, palco das vivências da peculiar escritora Margaret Cavendish, não era diferente. Sendo as relações entre homens e mulheres demarcadas pela dominação masculina, existia na época um conjunto de normas naturalizadas que determinavam o comportamento das mulheres e atividades que poderiam realizar. Entre as atividades que eram socialmente aceitas para uma mulher desempenhar, a publicação impressa e autoral não estava incluída.

Nesse contexto, Cavendish foi a primeira mulher a fazer publicações impressas de obras de autoria própria e sem a utilização de um pseudônimo na Inglaterra. Este trabalho procura

explorar de que maneira a supracitada autora, em meados do século XVII, conseguiu se inserir no seletivo grupo de pessoas, um grupo de hegemonia masculina, que conseguia escrever textos para publicação impressa. Para tanto, pensamos ser importante fazer reflexões a respeito de autoria e anonimidade, sob a perspectiva de Roger Chartier, Margaret Ezell e Robert Griffin, bem como uma discussão das relações de gênero, pautando-nos em Joan Scott e Pierre Bourdieu. Assim, procuramos perceber qual foi o papel das relações familiares de Cavendish e seu status na sociedade na realização de seus feitos literários.